



As Últimas Palavras

Uma Exposição de Capítulos 13 a 17 do Evangelho de João

Hamilton Smith

Sumário

Prefácio

João 13

- Introdução
- O Lava-pés
- A Saída do Traidor
- Deus Glorificado em Cristo

João 14

- Introdução
- Os Discípulos em Relação com Cristo
- Os Discípulos em Relação com o Pai
- Os Discípulos em Relação com o Espírito Santo

João 15

- Introdução
- Frutificação
- A Companhia dos Cristãos
- O Mundo
- O Poder para Testemunhar

João 16

- Introdução
- Perseguição do Mundo Religioso
- A Necessidade da Partida de Cristo
- O Mundo Presente Exposto
- O Mundo por Vir Revelado
- O Novo Dia

João 17

- Introdução
- O Pai Glorificado no Filho
- Cristo Glorificado nos Santos
- Os Santos Glorificados com Cristo

Prefácio

É sem o pensamento de adicionar às muitas exposições críticas desta porção preciosa da Escritura, que a exposição a seguir foi escrita. Para tal tarefa o escritor não tem nem o conhecimento nem a capacidade necessários. O objetivo foi, antes, o de apresentar ao leitor uma exposição simples e devocional, livre de questões críticas, confiando que venha a ser uma ajuda espiritual promovendo a meditação devotada nas últimas palavras do Senhor.

O título, “As Últimas Palavras”, foi escolhido por ser suficientemente amplo para incluir a última oração bem como os últimos discursos. Nessas últimas palavras ouvimos, como alguém disse: “A voz de Jesus alongada por todas as eras, tão fresca hoje... quanto foi ali no átrio superior em Jerusalém. Ela tem uma linguagem intensamente humana em seus tons de compaixão e afeto; contudo em revelação e autoridade não menos distintamente divina”.

Se, através desta exposição, algum filho de Deus for atraído para mais perto Daquele cuja voz ouvimos nas últimas palavras, não será em vão que ela foi escrita.

João 13

Introdução – João 13:1

O verso inicial do Capítulo 13 é introdutório aos últimos discursos do nosso Senhor. Ele traz para diante de nós o ensejo que inspirou essas palavras de despedida, a necessidade dos Seus que as requereu e o motivo que moveu o Senhor em sua declaração.

A ocasião foi que finalmente “era chegada a Sua hora de passar deste mundo para o Pai”. No decorrer do caminhar terreno do nosso Senhor ouvimos sobre outras “horas”. Em Caná da Galiléia Ele pode dizer à Sua mãe: “Minha hora ainda não é chegada” – a hora da Sua manifestação em glória para o mundo. Em João 5 lemos: “Vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão” – a hora da Sua graça para os pecadores. Em presença da inimizade do homem duas vezes lemos isto: “Ninguém lançou mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora” – a hora do Seu sofrimento. Esta hora – a hora que introduz as palavras de despedida – tem outro caráter. Não é a hora da Sua graça para os pecadores, nem a hora do Seu sofrimento pelos pecadores. Nem é a hora da Sua manifestação em glória para o mundo; é antes a hora da Sua volta à Sua glória com o Pai, ao amor e santidade da casa do Pai.

Os discípulos, contudo, seriam deixados para trás em um mundo corrupto que odiou o Pai e rejeitou a Cristo. Se então eles devem ser guardados da maldade do mundo pelo qual estão passando, e ainda gozar da comunhão com Cristo na casa do Pai do amor e santidade, precisarão desta última ministração graciosa com seu conforto, sua instrução, e suas exortações.

Além disso, descobrimos o motivo que moveu o Senhor neste último ato de graça, ao proferir essas palavras de despedida, e ao oferecer a oração final. Se a ocasião era de partida para o Pai, o motivo era o Seu amor para com os Seus. Ele está partindo deste mundo, mas há os deixados no mundo os quais o Senhor se deleita em chama-los de “Seus”. Eles são uma companhia de crentes na terra, que pertencem ao Cristo no céu. Eles são os “Seus” como o fruto do Seu próprio trabalho: são os Seus como o presente do Pai. Eles podem ser de pequeno valor aos olhos do mundo, mas são muito preciosos aos olhos do Senhor. “Havendo amado os Seus... amou-os até o fim”. Ele pode deixá-los, mas não deixará de amá-los. O amor humano muito frequentemente falha. Deixamos uns aos outros, esquecemos uns aos outros, e perdemos o interesse uns pelos outros. O profeta nos diz que, uma mulher pode até esquecer o seu filho, mas diz o SENHOR: “Eu, todavia, não Me esquecerei de ti” (Is 49:15). Se o Senhor deixar o mundo, Ele não se esquecerá dos Seus, nem deixará de amá-los. Infelizmente! nosso coração pode se tornar frio em relação a Ele, as nossas mãos podem se cansar de fazer o bem, os nossos pés podem se desviar; mas disso estamos seguros, que Ele nunca nos abandonará. Seu amor nos conduzirá, e cuidará de nós, “até o fim”; e no fim o amor nos receberá na eterna casa de amor onde não há frieza de coração, nem mãos que desistem, nem pés que se desviam.

Assim quando nos aproximamos das cenas finais da permanência do Senhor com os Seus discípulos, para vermos o último ato, escutamos as últimas palavras e ouvimos a última oração, somos lembrados da ocasião que inspirou esta ministração final, a necessidade que a requereu e o amor que a supriu.

Antes de entrarmos nos detalhes dos últimos discursos, alguns pensamentos sugestivos quanto ao caráter geral das verdades apresentadas e a ordem na qual elas são reveladas, pode ser útil. Deverá se notar que em João 13 os discípulos são colocados na relação correta de uns para

com os outros. Eles devem lavar os pés uns dos outros e amar uns aos outros. Em João 14 eles são colocados nas relações corretas com as Pessoas Divinas – o Filho, o Pai, e o Espírito Santo. Em João 15 são colocados nas relações corretas com o círculo cristão, para que possam dar frutos para o Pai, e testemunhar de Cristo no mundo do qual Ele está se ausentando. Em João 16 são instruídos nas coisas que virão em vista do caminhar deles por um mundo hostil pelo qual são odiados, mal entendidos e perseguidos.

Assim se verá em João 13 que os pés dos discípulos são lavados; em João 14 que o coração deles é consolado; em João 15 que os lábios deles são abertos em testemunho e em João 16 que a mente deles é instruída para que não sejam abatidos por qualquer perseguição que possam encontrar.

Além disso, se notará que há um caráter progressivo na instrução. A verdade de um capítulo prepara para a nova revelação do capítulo que segue. O serviço de João 13 prepara os discípulos para a comunhão com as Pessoas Divinas, como apresentada em João 14. A comunhão com as Pessoas Divinas na própria esfera deles – no lugar interior – prepara os discípulos para dar frutos, e testemunhar no mundo – a cena exterior – como apresentado em João 15. Ainda mais, o fruto e o testemunho de João 15 levam à perseguição, para a qual o Senhor prepara os discípulos na verdade de João 16. A revelação dessas grandes verdades para os discípulos não é suficiente, contudo, para mantê-los neste mundo como os representantes de Cristo; a oração é necessária. Assim os discursos para os discípulos são fechados pela oração ao Pai registrada em João 17.

O Lava-pés – João 13:2-17

O Senhor não podia mais ser o companheiro de Seus discípulos na peregrinação deles pela terra, contudo, Ele não deixará de ser o servo deles em Seu novo lugar no céu. Assim, na cena que se segue, descrita nos versos 2 a 17, temos um ato de graça o qual, enquanto fecha o serviço amoroso do Senhor pelos Seus na terra, prenuncia Seu serviço vindouro pelos Seus quando assume Seu novo lugar na glória. Se Ele não puder mais ter parte conosco pessoalmente no caminho da humilhação, tornará possível a nós termos parte com Ele em Seu lugar na glória. Este, julgamos, é o significado deste ato gracioso do lava-pés. Por toda a Sua vida perfeita a mente em Cristo Jesus era de sempre esquecer-se de Si mesmo no serviço amoroso pelos outros: e neste último ato, embora consciente da negra sombra da cruz, o Senhor ainda está se esquecendo de Si mesmo para servir aos Seus.

Os versos 2 e 3 introduzem este humilde serviço mostrando, por um lado, a sua profunda necessidade, e por outro, a perfeita capacidade do Senhor para o serviço.

A necessidade do lava-pés é tornada manifesta já que os discípulos serão deixados em um mundo no qual o diabo e a carne se combinam em hostilidade mortal a Cristo. A referência à traição de Judas nesta cena inicial, assim como também à negativa de Pedro um pouco depois, mostram claramente que a carne, seja no pecador ou no santo, é somente material para o diabo usar. A indulgência não julgada da carne tinha aberto o coração de Judas para as sugestões do diabo. Trair o próprio amigo, e isso também pelo símbolo do amor, é repulsivo até para o homem natural; mas o poder dominante que deseja satisfazer a concupiscência, prepara o coração para acolher uma sugestão que é estranha à natureza, e só pode vir do diabo.

Na presença dessa temerosa exposição do poder da carne e do diabo, a perspectiva de ser deixado em um mundo mau, com a carne interior e o diabo exterior, pode bem assustar o coração dos discípulos. Ao mesmo tempo, contudo, o nosso coração é sustentado por ser dirigido da carne e do diabo para Cristo e o Pai, para aprender que “o Pai entregou tudo” nas mãos de Cristo. Grande

poder está nas mãos do diabo que nos odeia; mas “todo poder” está nas mãos de Cristo que nos ama. Nem é apenas que “todo poder” tenha sido dado a Cristo, mas que estava indo para o lugar de poder – Ele veio de Deus estava indo para Deus.

Enquanto sentia com Sua sensibilidade perfeita a infidelidade de um falso discípulo, e a negativa vindoura de um verdadeiro, Ele, sem embargo, se moveu na calma conscientização de que todo poder estava em Suas mãos, e que ia para o lugar de poder. Da mesma forma que Ele nos deixaria passar por um mundo mau conscientes de que Ele tem todo o poder e está no lugar de exercer o poder. Além disso, não apenas o Senhor está no lugar de poder, com todo o poder, mas, na cena que segue, Ele permitirá que saibamos que Se deleita em usar o poder a nosso favor. Aquele que tem todo o poder em Suas mãos é Aquele que tem todo o amor em Seu coração. Assim aconteceu que, movido por um coração de amor, Aquele que tem todo o poder em Suas mãos tomará naquelas mesmas mãos os pés sujos dos Seus exaustos discípulos. Aquele que é o Senhor de todos se torna o servo de todos.

(Versos 4, 5). Para executar este gracioso serviço “Levantou-se da ceia”. Ele se levantou da ceia pascal dos judeus, a qual fala da Sua associação *conosco* no Reino glorioso (Lc 22:15, 16) para fazer aquilo que leva à nossa comunhão *com* Ele nas glórias celestiais. Na perfeição da Sua graça Ele cinge-se para este último ato de serviço, e, derramando água em uma bacia, começou a lavar os pés dos discípulos e enxuga-los com uma toalha com a qual estava cingido.

(Versos 6, 7). “Aproximou-se pois de Simão Pedro, que Lhe disse”. Se outros aceitam o serviço do Senhor em admirável silêncio, Pedro, impelido pelo seu caráter enérgico, expressa todos os seus pensamentos. Três vezes ele fala, a cada vez expondo sua ignorância da mente do Senhor. A sua primeira declaração depreca o serviço humilde do Senhor: a segunda declaração o recusa completamente: na última declaração impulsivamente se submete ao serviço, mas, de uma forma que o despojaria de todo o seu profundo significado. Ainda, como alguém disse. “Se fomos advertidos pelos erros dos discípulos muito mais a nós instruem as respostas que os corrigem.” Na resposta do Senhor aprendemos o profundo significado espiritual deste último ato de serviço.

Para Pedro foi incompreensível que o Senhor da glória tivesse que se inclinar para lavar aqueles pés afadigados. Por essa razão a sua primeira declaração é um protesto misturado com surpresa – “Senhor, Tu lavas-me os pés?” O Senhor responde: “O que Eu faço não o sabes agora, mas tu o saberás depois”. Assim aprendemos que, naquele momento, não foi possível para os discípulos discernirem o significado espiritual do ato do Senhor. Depois, quando veio o Espírito, tudo seria manifesto. Claramente então aprendemos que este serviço não foi, como muitas vezes é dito, para ensinar uma lição de humildade por um ato de suprema humilhação da parte do Senhor. Não haveria nenhuma necessidade de Pedro esperar por um dia mais adiante para discernir a humildade do ato. As suas próprias declarações mostram que a humilhação do Senhor foi mais importante em seus pensamentos naquele momento.

(Verso 8). Não amedrontado pela resposta do Senhor, que deveria ter advertido Pedro para ficar em silêncio até a plena iluminação, ele agora ousadamente diz: “Nunca me lavarás os pés”. O Senhor, em Sua paciente graça, passando por cima do desprezo, corrige a impulsividade de Pedro dizendo: “Se Eu te não lavar, não tens parte Comigo”. Tão breve é a resposta, podemos ver, agora que o Espírito foi dado, que ela apresenta o significado espiritual do lava-pés. Aprendemos que ela simboliza o serviço presente do Senhor pelo qual retira do nosso espírito tudo o que impediria de termos parte com Ele.

Vamos observar que o Senhor não diz, *parte em Mim*. Precioso de fato é o serviço do lava-pés e, contudo, isso nunca asseguraria ter “parte em Cristo”. Para isso a obra maior da Cruz foi necessária, a qual, uma vez realizada nunca pode ser repetida. Por esta obra maior a parte em Cristo foi assegurada para sempre a todo crente. O lava-pés é a demonstração simbólica na terra de um serviço contínuo no céu – um serviço que permite aos crentes na terra manter comunhão com Cristo no céu: pois as palavras do Senhor “parte Comigo” não significam a comunhão com Ele,

naquela santa cena de afeição na casa do Pai? Há, de fato, o abençoado fato de que o Senhor se aproxima de nós e tem comunhão conosco em nossa casa, como na ocasião quando Ele entrou na casa em Emaús, mas a parte com Ele, conduz ao pensamento ainda mais abençoado de que podemos ter comunhão com Ele em Sua casa, como foi o caso com os discípulos de Emaús quando, na mesma noite, encontraram o Senhor no meio dos Seus santos reunidos em Jerusalém. Mais uma vez, as palavras do Senhor aos de Laodicéia não estabelecem esta dupla verdade, quando Ele pode dizer: “Se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele Comigo”?

Além disso, parece que o lava-pés não é estritamente um símbolo do serviço do nosso Senhor como Advogado, nem da Sua graça sacerdotal, embora de fato participe da natureza de ambos. A obra sacerdotal do Senhor tem em vista a nossa fraqueza: a advocacia do Senhor trata com pecados reais. O lava-pés remove o embotamento da alma, e a dureza das afeições que podem surgir na atividade da vida diária, e as quais eficazmente impedem a comunhão com Cristo onde Ele está.

O cansaço e a fraqueza do corpo podem nos impedir de sermos testemunhas de Cristo aqui; então a graça sacerdotal de Cristo está ativa para nos sustentar em nossa fraqueza. Infelizmente podemos falhar e pecar, e não estarmos mais qualificados para testemunhar de Cristo; então o Advogado restaura a alma. Se, contudo os afetos tiverem se esfriado, embora possa não haver nada para inquietar a consciência, haverá um estorvo grave à comunhão com Cristo, e logo o serviço do lava-pés entra para retirar o estorvo. Há, além disso, a outra diferença entre advocacia e lava-pés, que, ao passo que a advocacia restaura as nossas almas no lugar onde estamos, o lava-pés restaura o nosso espírito à comunhão com Cristo no lugar onde Ele está.

Nos dias da jornada de Israel era incumbência dos sacerdotes lavarem seus pés antes que entrassem no tabernáculo. Eles de fato poderiam ser dignos para o povo, o acampamento e o deserto, mas a dignidade para a presença do Senhor somente pode ser assegurada pela lavagem dos pés. Por isso o propiciatório estava antes da porta do tabernáculo (Ex 30:17-21; Ex 40:30-32).

(Versos 9-11). Qual então é a natureza do serviço que é simbolizado pelo lava-pés? A resposta à primeira observação de Pedro mostrou que ele tem um significado espiritual, a resposta à sua segunda palavra nos diz a finalidade que ele tem em vista; a resposta à sua última observação indicará mais claramente a natureza, ou maneira do serviço.

Pedro, tendo obtido algum vislumbre da bem-aventurança do lava-pés, agora volta à sua confissão muito determinada de que o Senhor nunca lavará os seus pés. Movido pelo seu verdadeiro afeto ao Senhor, e com a impulsividade característica ele diz: “Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça”. Qualquer que seja a ignorância que a sua observação denuncia, certamente ela expressa um afeto que merece a parte com Cristo.

O Senhor responde: “Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo. Vocês estão limpos, mas nem todos” (NVI). Na Escritura a água muitas vezes é usada como um símbolo do efeito purificador da Palavra de Deus. Na conversão a Palavra é aplicada pelo poder do Espírito, produzindo uma mudança completa, e comunicando uma nova natureza, que altera inteiramente os pensamentos, palavras e ações do crente – uma mudança representada pelas palavras do Senhor de que “já os banhou”. Não pode haver repetição desta grande mudança, mas os assim banhados podem algumas vezes se tornar entorpecidos no espírito. Assim como os pés do viajante estão sujos e fadigados pelo pó da estrada, o crente, em contato com a esfera cotidiana, os deveres da vida familiar e as pressões da vida dos negócios, bem como o conflito contínuo com o mau, muitas vezes pode estar fadigado no espírito e assim impedido de ter comunhão com Cristo em Suas coisas. Não é que ele tenha feito algo que a consciência tivesse de prestar conta, pedindo pela confissão e obra do Advogado, mas o seu espírito está fadigado e precisa ser renovado, e tal renovação Cristo se encanta em dar se nós apenas colocarmos nossos pés em Suas mãos. Voltando-

nos a Ele que renovará as nossas almas se apresentando diante de nós, em toda a Sua perfeição, através da Palavra.

Assim através das respostas graciosas do Senhor a Pedro aprendemos o caráter espiritual deste serviço, o fim que ele tem em vista, e a maneira da sua realização.

Infelizmente havia um dos presentes para quem ele não teria nenhum significado: pois o Senhor tem de dizer: “Vocês estão limpos, mas nem todos. Pois ele sabia quem iria traí-lo, e por isso disse que nem todos estavam limpos” (NVI). O traidor nunca tinha sido “banhado”. Ele não era regenerado, e como tal nunca sentiria a necessidade, nem conheceria a renovação do serviço gracioso do Senhor.

(Versos 12-17). Tendo terminado este serviço e retomado ao Seu lugar à mesa, o Senhor nos dá instrução adicional quanto ao serviço do lava-pés. Embora seja essencialmente Seu próprio serviço, ainda assim é algo que Ele muitas vezes executa por intermédio de outros. Por essa razão somos colocados sob a obrigação, e nos é dado o privilégio, de lavar os pés uns dos outro. Um serviço abençoado, executado, não procurando corrigir um ao outro (embora seja necessário de vez em quando), muito menos repreendendo um ao outro, mas *ministrando Cristo um ao outro*, pois somente um ministério de Cristo trará renovo a uma alma fadigada. Anos depois da cena no átrio superior o apóstolo Paulo nos contará que uma das qualificações de uma viúva piedosa é que lavou os pés de santos (1 Tm 5:10). Isso seguramente não implica que ela foi simplesmente uma repreensora do mal, ou censora dos erros, mas antes que renovou o espírito abatido dos santos vindo de Cristo com um ministério de Cristo.

Onésiforo não lavou os pés do apóstolo Paulo, pois dele o apóstolo pode escrever: “Porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias” (2 Tm 1:16)? Por outro lado, Filemom não levou a cabo esta obrigação em relação aos seus irmãos, pois a ele Paulo pode dizer: “Porque por ti, as entranhas dos santos foram recreadas (Fm 7)? Não foi o Senhor mesmo que diretamente levou a cabo este serviço abençoado quando falou com Seu fadigado servo Paulo durante a noite, dizendo: “Não temas... porque Eu sou contigo” (At 18:9, 10)?

Além disso, o lava-pés não apenas ministra renovação à alma afadigada, mas alegra o coração daquele que leva a cabo o serviço, pois o Senhor pode dizer: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes”.

A Saída do Traidor. João 13:18-30

Para receber comunicações espirituais sempre se requer uma condição espiritual. Por essa razão o lava-pés foi uma preparação necessária para aqueles que estariam a ponto de escutar as últimas palavras do Senhor, tão enriquecidas com a verdade divina e o conforto espiritual. Havia alguém presente, contudo, que nunca tinha sido completamente lavado, em quem a lavagem dos pés não teria nenhum efeito, e a quem o ensino de Jesus não teria nenhum significado. A presença de Judas, que conspira em seu coração a traição por vir, lançou uma sombra escura sobre o pequeno grupo. Antes que as últimas instruções possam ser comunicadas pelo Senhor, ou recebidas pelos discípulos, Judas deve passar do átrio superior para a noite.

(Versos 18-20). A forma da sua retirada mostra a preocupação carinhosa do Senhor para com os Seus. A traição de Judas, muito tempo conhecida pelo Senhor é muito gentilmente revelada aos Seus discípulos. No decorrer da lavagem dos pés o Senhor tinha feito alusão a Judas, despercebida, ao que parece, pelos onze. Agora Ele fala mais claramente, dizendo: “Não falo de todos vós; eu bem sei os que tenho escolhido”. Havia um círculo íntimo dos companheiros

escolhidos pelo Senhor ao qual Ele estava a ponto de revelar os segredos do Seu coração. Mas havia alguém presente que não fazia parte daquele círculo escolhido; um dos quais a Escritura tinha dito: “O que come o pão comigo, levantou contra mim o seu calcanhar”.

Esta revelação poderia bem ser um choque para os discípulos e uma prova para a fé deles. O raciocínio incrédulo poderia ter argumentado: “Não sabíamos da presença do traidor, mas se Jesus não soubesse, pode Ele de fato ser o Senhor da glória?” O Senhor usa de tais possíveis raciocínios, e sustenta a fé deles, revelando antecipadamente a traição por vir. Ele diz: “Desde agora vo-lo digo, *antes que aconteça*, para que, quando acontecer, acrediteis que sou”. Eles, pela traição de Judas, terão nova evidência de que Ele é de fato o grande EU SOU a quem tudo é conhecido, e a quem o futuro é presente.

Por um lado, não será permitido que a presença e a deslealdade do traidor lance uma mácula sobre a glória do Senhor; por outro lado, a completa falha de alguém contado entre os doze não invalidará a comissão dos onze remanescentes. Aquela comissão permanecerá em toda a sua força, e assim o Senhor pode dizer: “Se alguém recebe o que Eu enviar, Me recebe a Mim, e quem Me recebe a Mim, recebe Aquele que me enviou”. Na presença do terrível pecado de Judas a glória do Senhor não é ofuscada, e a comissão dos onze não é tocada.

(Versos 21, 22). Além do mais, contudo, é necessário colocar os discípulos a par da terrível realidade desta revelação, e remover Judas do seu meio. O Senhor lhes dirá claramente a natureza do pecado, e finalmente revelará o homem que o cometerá. Essas novas revelações moveram profundamente o espírito do Senhor. “Tendo dito isso, turbou-se em espírito, e afirmou: Na verdade, na verdade vos digo que um de vós ME há de trair”. Assim os discípulos aprendem na linguagem que ninguém pode confundir, que um dentre eles está a ponto de trair o Senhor. Eles devem enfrentar o terrível fato, de que a mesma ocasião que um mundo hostil buscava – e não pode encontrar por medo do povo – se levantaria do meio deles na pessoa daquele que não temeu nem a Deus nem ao povo – aquele que tinha se passado por um discípulo do Senhor, tinha sido o Seu companheiro de todos os dias, visto todas as Suas obras de poder, e tinha ouvido sem se mover, às Suas palavras de graça e amor.

Tal revelação conturbou o espírito do Senhor e levantou o ansioso questionamento dos discípulos quando olharam um para o outro, incertos de quem Ele falava.

(Verso 23). Olhando um para o outro não resolverá esta solene pergunta. O traidor está presente sabendo que ele foi descoberto pelo Senhor, embora não mostrasse nenhum sinal que o exporia a outros. Eles devem se voltar para o Senhor para encontrar alívio para esta terrível expectativa. O discípulo que pergunta ao Senhor deve ser aquele que está perto do Senhor. Aquele que está mais próximo é aquele que pode se descrever como “um de Seus discípulos, aquele quem Jesus amava”. Consciente do amor do Senhor para com ele, e confiante naquele amor, João se encontra inclinando no seio de Jesus. O homem cujos pés, um pouco antes, tinham estado nas mãos de Jesus, agora se reclina com a sua cabeça no seio de Jesus. Podemos nós não dizer que esta posição de íntima comunhão é o próprio resultado do lava-pés. O descansar a cabeça naquele seio de amor, vem depois do lava-pés daquelas mãos amorosas.

(Versos 24, 25). Simão Pedro, o discípulo de coração bondoso que, tantas vezes e de muitos modos, parece dizer: “Eu sou o discípulo que ama o Senhor”, estava muito perto o suficiente para inquirir do Senhor. Ele faz um sinal para João para que pergunte “Quem era?” De forma muito simples João pergunta: “Senhor, que é?”

(Verso 26). Imediatamente o Senhor responde: “É aquele a quem eu der o bocado molhado”. Alguns estudiosos indicaram que a força das palavras do Senhor é um tanto obscurecida pela versão que diz “um bocado” como se ele fosse um mero ato casual. O correto é “o bocado”, referindo-se a um costume definido de dar a um hóspede favorito o bocado molhado especialmente preparado da festa. O Senhor logo após Suas palavras dá o bocado molhado a Judas Iscariotes, e assim, não só a traição é predita, mas o traidor é exposto.

(Verso 27). A concupiscência já tinha aberto o coração de Judas para a sugestão do diabo, agora o próprio Satanás toma posse de Judas. Se havia alguma excitação da consciência remanescente em Judas, algum sentimento de vergonha, algum retrocesso diante do pecado que estava a ponto de cometer, tudo é silenciado com a entrada de Satanás. Com Satanás não há nenhuma hesitação, e daqui por diante Judas se torna o instrumento impotente dos seus desígnios. Para Judas não há agora o voltar atrás, e assim o Senhor pode dizer-lhe: “O que fazes, faze-o depressa”.

(Versos 28-30). Os onze, atordoados, pelo que parece, por esta terrível revelação, não conseguem captar o significado das palavras do Senhor. Judas sendo o encarregado da bolsa, eles julgam que as palavras do Senhor devem ter alguma relação com o satisfazer as necessidades da festa ou a ajuda aos pobres. Judas não tem nenhuma dúvida. A presença do Senhor se tornou intolerável para este homem possuído pelo diabo, assim que recebeu o bocado molhado imediatamente se levanta e, sem uma palavra, passa para a noite, um pouco depois passa para uma noite ainda mais profunda – aquele horror da grande escuridão – de onde não há regresso.

Tem sido notório que em toda esta cena solene não há nenhuma acusação a Judas, nenhuma repreensão é lançada sobre ele, nenhuma palavra da expulsão é proferida contra ele, nenhuma exigência de partida lhe é conferida. A presença de um falso é revelada; o pecado que ele está a ponto de cometer é predito, o homem que o cometerá é indicado, e então, em meio a um silêncio mais terrível do que palavras, ele deixa a luz que era tanto procurada, a santa Presença que ele não pode mais suportar, e passa para a noite para a qual a manhã jamais amanhecerá. Vamos nos lembrar de que se não fosse pela graça de Deus, e pelo precioso sangue de Cristo, deveríamos todos nós seguir Judas na noite.